

La ciudad de la Adormidera



Carta I

Querida Avó:

Te escribo desde el sillón del pensador, ¿Recuerdas?. Siempre me decías que era un lugar mágico y trágico a la vez, y ahora sentado en el trono de piedra de este malogrado puente, alcanzo quizás, a entender tus palabras.

Avó, quisiera pedirte disculpas desde el fondo de mi corazón. Nos separa una línea, una raya, desde aquí casi siento la rugosidad de tu expresión amable, casi consigo abrazarte, pero la vida de hoy en día poco tiene que ver con las mañanas de una infancia recorrida entre sábanas blancas tendidas a la orilla del Guadiana y perfumadas de jabón.

El trabajo sigue ocupando la mayor parte de mi tiempo, aunque ahora más que nunca siento la necesidad de colmar ese hueco que la esencia de nuestra cultura dejó al trasladarnos a Olivenza en el 74.

La última vez que nos vimos estabas en la cocina, siempre con tu luto riguroso pero el brillo en la mirada, me sonreíste, e intentando despertar mi atención, dejaste sigilosamente que el aroma de las reinas claudias de Elvas excitase mi olfato y comprendí que la despedida sabía a sericaia. Te movías con tal gracias entre cacerolas, harina y ralladura de limón que yo quedaba extasiado ante la danza hipnótica de tus movimientos.

Llevo tiempo dándole vueltas aquella tarde de marzo cuando mi madre y tú, sentadas delante del blanco y rodeadas por un zócalo azul hablabais sobre Olivenza, nuestro inminente destino – Hijos de España nietos de Portugal...- Tú frunciste el ceño irónicamente, yo estudiaba tu reacción y al descubrir mis ojos curiosos susurraste –todos somos hijos de Mekônâh ...-

-¿Qué es Mekônâh Avó?-

-María, no le llenes al niño la cabeza de tontas fantasías, la fantasía es enemiga de la acción, la fantasía lleva a la melancolía...-

-Querida, la fantasía es propia de la inocencia-

Me guiñaste un ojo y me dijiste que la encina que nos cobijaba en verano albergaba el secreto de Mekônâh. Corrí, cuaderno en mano, dispuesto a desvelar el misterio que encerraba aquel extraño nombre y allí, en la herida hueca que el tiempo había abierto en tal majestuoso árbol encontré grabado con hierro y fuego un extraño símbolo, que todavía hoy garabateo en trozos de papel difuso: 3

Un símbolo, un nombre y el agujero de un árbol...

Hoy te escribo porque necesito recuperar un poco de la inocencia que vamos perdiendo entre los surcos de la cara querida abuela, cicatrices como testimonio de una vida que nos empeñamos en vivir de modo erróneo. Quisiera volver a confiar, a descifrar los enigmas de un mundo mucho más claro, a medida de niño. Quisiera que pudieses contarme la fábula que engulló la encina de aquella tarde de marzo y cuyo habitáculo amplifica en mi cabeza el sonido de un posible y diferente camino.

Saluda a Sofía, que seguro está leyendo esta carta con ojos de intérprete y que no dudará en transcribir las palabras arcanas que susurran tus labios.

Hasta pronto.

Te quiero Avó...

Carta II

Querido João:

Quando a Sofia bateu à minha porta esta manhã, insistentemente, quase como se o mundo dependesse disso, jamais imaginei que seria para ressuscitar a sensação que aquele menino inquieto e curioso provocava no meu coração.

Passaram muitos anos sem notícias, estamos tão perto querido neto... Por que não vieste verme nunca? Tornaste-te espanhol? Não faças caso desta velha que continua a chorar cada vez que prepara o sericaia e cujas lágrimas hoje não podem ser senão de alegria por receber as tuas palavras.

João, alegra-me que me escrevas perguntando-me pelo Mekônâh. Como se sentiria orgulhoso o teu avô...A tua mãe não queria que crescesses com tontas histórias de velho que não têm um valor prático. Ela acredita no trabalho duro e isso honra-a, mas não somos nada sem aqueles com que sonhamos.

O teu avô sempre dizia que, quando forem mais velhos, há que voltar a aprender a ser crianças. Depois punha a mão nos bolsos, levantava os ombros e sorria. As pessoas perguntavam-lhe porque é que sorria, ele fazia uma reverência e cantarolava um fado que ninguém conhecia. Dizia que o Emídio, o da colina, estava louco, mas ele continuava a sorrir.

Sabes, Maria! Dizem que estou louco, eu respondo-lhes, cuidado, a minha loucura é contagiosa. Sempre me beijava na testa quando me dizia aquelas palavras.

O teu avô era um ser mágico, nascido da terra e para a terra, tentando encontrar os segredos da existência nos buracos das azinheiras e nos novos rebentos da primavera.

O símbolo que encontraste naquela azinheira é o símbolo do Mekônâh. A origem de tudo, o lugar onde voltam os sonhos quando não os conseguimos, a cidade da dormência, da papoila.

O teu bisavô era pedreiro. Uma manhã em cima dum telhado, falou ao teu avô das chaminés, da sua importância, do valor social e mágico que encerram. Quantos dias de chaminé quer? Assim pactuava-se o negócio nessa época: mais dias, mais elaboração e riqueza construtiva, maior status, mas também era e é o símbolo do lar, da proteção, do ventre materno, onde nos sentimos seguros, e o meio de comunicação entre Mekônâh y Morfeu.

Perdoa, querido neto, o meu entusiasmo e a minha desordem, pois a alegria inunda o meu rosto recordando, recordando...

Comecemos pelo princípio. Mêkonah era uma ninfa que vivia nas margens do Guadiana. A sua pele torrada perfumada de amêndoas e os seus lábios tinham a cor de Baco. Costumava entoar um cântico que adormecia e suscitava calma e paz.

O Guadiana lavava os pés de Mekônâh com algas e nenúfares, com a esperança de que a delicada ninfa entrasse nas suas águas para poder abraça-la de amor, mas ela suspirava o seu canto para o mundo dos sonhos. Morfeu, o eterno sonho, observava a sua silhueta dançando entre os juncos nas noites de duas luas.

Mekônâh tinha quatro irmãs, com elas recolhia papoilas na primavera que entrelaçava nos seus cabelos para invocar Morfeu.

O Guadiana, invejoso do ar que inspirava a ninfa, sugou as margens com turbilhão, raptando a suspirada da eternidade. Não contente com o resultado e temendo que esta escapasse, conjurou no céu tempestades que abrissem o coração da terra. Em duas fendas ancorou as suas pernas qual alicerce e a sua pele etérea começou a transformar-se em pedra, erguendo-se à altura do coração uma grande torre, a Torre da Menagem.

Fico por aqui, querido João, não só para despertar o teu interesse, senão porque esta velha sente o egoísmo próprio do amor e, com a esperança de receber brevemente notícias tuas, conluo os versos "arcanos" que mais tarde serão decifrados.

Não demores.

Carta III

Avó, que bello comprobar como a pesar de los años continuas jugando a crear estrategias que mantengan viva mi inquietud y mi curiosidad, recibirte en modo tan espectacular ha llenado esta semana de aromas y texturas casi olvidadas. Me dejaste la miel en los labios. ¿Recuerdas el día en el que me hiciste entender el porqué de esa expresión?. Recogiste miel del panal con los dedos, sin temor a las abejas, me la pusiste en los labios y cuando estaba a punto de pasar la punta de mi lengua por la comisura de la boca me dijiste que me detuviera – respira...- susurraste, de repente mis papilas olfativas quedaron abrumadas por tardes de verbena, algodón de azúcar y tus abrazos. Si sólo nos detuviésemos un instante a jugar con la poesía del mundo ¿verdad avó?.

Es por eso que te imploro que termines la fantástica historia que has comenzado, no sin antes prometerte que al término de la misma volveré una tarde a sentarme contigo debajo de aquella encina a devorar tu sericaia mientras la brisa que del agua llega a Jurumenha acaricia nuestras raíces y nuestras arrugas...

Te abrazo avó.

Carta IV

Querido João:

No fundo continuas sendo o menino compulsivo de sempre. Conserva esse menino interno, continua emocionando-te e sonhando, fá-lo por esta velha que precisa dos teus abraços.

Sofia vem todos os dias a casa desde que começámos esta correspondência, chama-a a atenção que me escrevas em vez de me telefonares, eu expliquei-lhe que tu és um firme defensor da escrita manual e que o tempo que se dedica a escrever uma carta a alguém pouco tem que ver com as coisas modernas...

Também sente curiosidade pela história que estou a narrar e que graças a ti ficará registada como legado da nossa família.

Tinha-me detido no rapto de Mekônâh. Uma vez que a ninfa se converteu em cidade, mais propriamente na primeira, três das suas irmãs correram em sua ajuda e a quarta erigiu uma torre vigia para avisar Morfeu, que acordando de improviso rompeu os sonhos dos mortais.

Reunidas as quatro irmãs de novo descobrem a imponente cidade de pedra que se ergue a seus pés, mais a brisa é o choro desesperado da quinta invocando o seu amor roubado.

O Guadiana não permite que as quatro graças fujam e condena-as a viver em Mekônâh para aliviar a dor da ninfa -pedra, mas conhecendo o frenesim imponente de Morfeu, o guardião liberta os quatro titãs que durante séculos repousavam dormentes nas entranhas da terra, guardiãs das estações, dos temperamentos do homem: melancólico, fleumático, sanguíneo, colérico, a troco de não deixar escapar Mekônâh e as suas irmãs.

Morfeu, levado pela paixão acesa própria do amor, abriu os seus braços desde as nuvens e dos seus dedos brotam papoilas que começam a vestir de noiva a ninfa. Cada recanto da cidade fica assumida na papoila e a torre de menagem floresce em vermelho, papoilas trepando por um coração de pedra. Adormecidos os titãs, Morfeu chega até ao coração de Mekônâh mas o Guadiana não está disposto a renunciar ao objeto do seu inalcançável desejo. Então, enfurecido começa a evaporar-se, converte-se em gás que quebra as nuvens em chuva, despertando de novo os titãs. O eterno fica sumido numa eterna melancolia, desterrado mais para lá das margens do guardião, preso na torre vigia de Juromenha. Infinitas intenções de reencontros foram quebrados.

As quatro irmãs de Mekônâh começaram a zurzir chaminés para acalmar o frio que dilacerava o seu ventre de pedra. Elas recolhiam lenha para cifrar poesias, para enviar mensagens de reencontro feitas de fumo cinzento e branco.

Morfeu chora e não dorme, chora rosas de Alexandria que fecundam as terras da sua amada. Já não crescem papoilas... Dizem que durante toda a eternidade os amantes, condenados a separar-se, buscaram fundir-se num abraço, mas quando o olho sentinela do Guadiana vislumbra uma chaminé acesa volta a chover a enfurecida tormenta tentando converter os versos de fumo em prosa de pedra...

Este é o fim da história João, sei que és inteligente e que neste ponto saberás que Mekônâh é Olivença, como bem disseste querido neto separa-nos uma raia mas nem sempre foi assim. O homem maneja a realidade à sua maneira, cria governos, leis, fronteiras para convencer-se de que é a ordem natural das coisas, que são eles os arquitetos da civilização, mas como dizia o teu avô -eles não percebem de magia- e não neto, não percebem. Não percebem tudo aquilo que nos une e concentram-se em procurar e tornar evidente tudo o que nos separa.

Aprende bem a lição, sabes que o Emídio o da colina ainda sussurra no buraco daquela azinheira, não desonres nunca a sua memória e vem visitar-me para uma última sericaia.

Da tua avó Maria que gosta muito de ti.



Autor: Javier Reche Garay